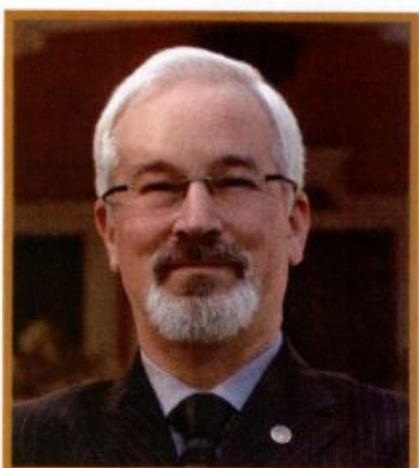
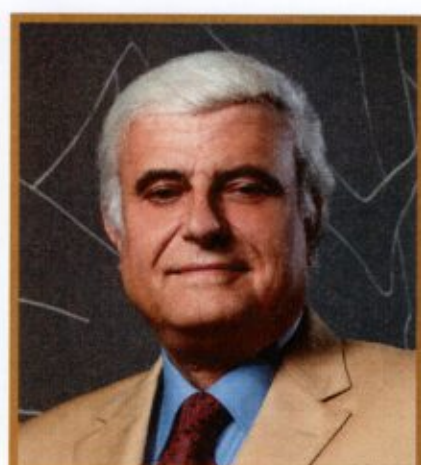
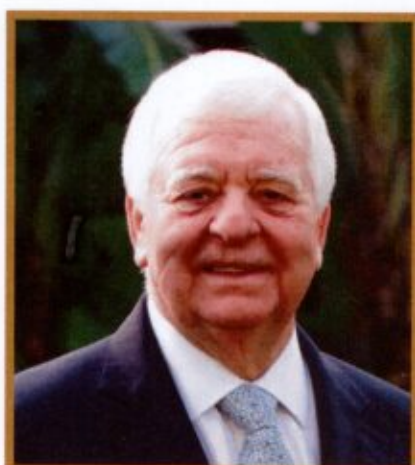
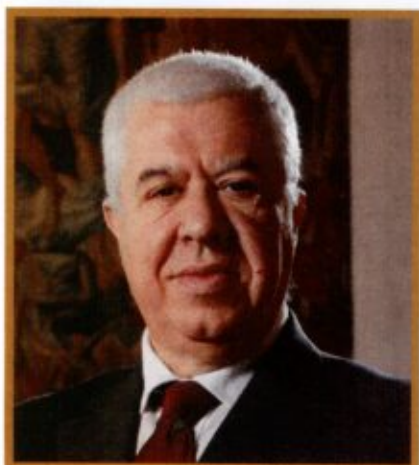


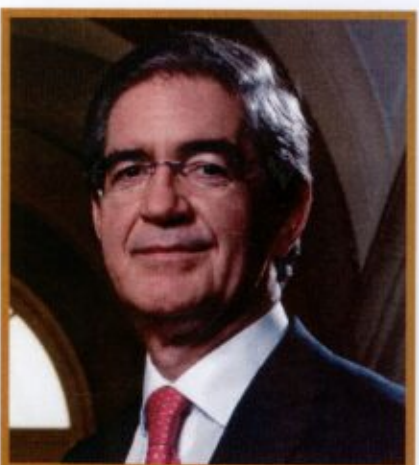


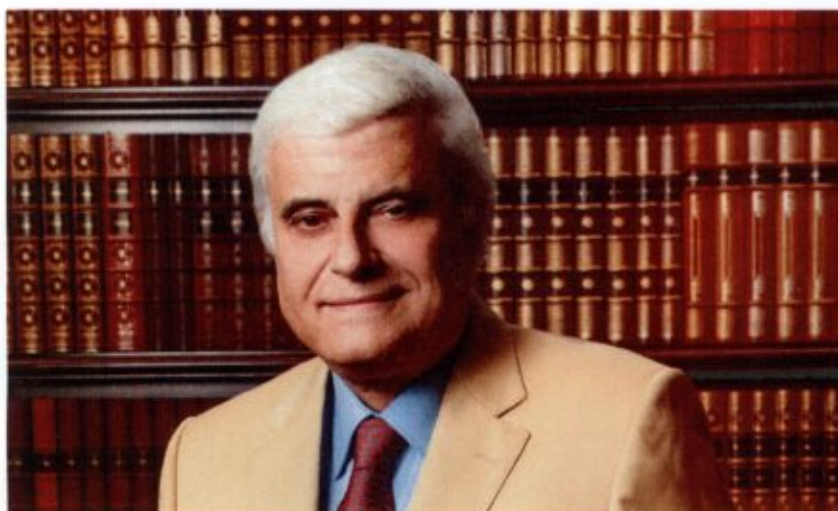
por José Caria

OS ROSTOS DA FRONTLINE

Mais um ano cumprido e mais 10 personalidades marcantes da nossa vida política, económica e social, da esfera empresarial e da sociedade civil voltaram a dar rosto à *FRONTLINE*.

São testemunhos que marcam e moldam a nossa realidade. Testemunhos de pessoas, cujas ideias, projetos e paixões assumiram, na conjuntura em que foram produzidos, determinados significados que hoje provavelmente já poderão ter outra leitura, mas cujo efeito não se diluirá no tempo. Aqui ficam, em síntese, traços e afirmações expressas por todos eles nas suas entrevistas à revista.





“SOU UM
DEFENSOR
INDISCUTÍVEL
DO SNS”

Germano de Sousa

S em fugir a toda a controvérsia e discussão que hoje atingem o setor da Saúde em Portugal, com particular destaque para o Serviço Nacional de Saúde, o antigo bastonário da Ordem dos Médicos continua a expressar a sua convicção de que no nosso país os profissionais de saúde prestam um “bom serviço”. Hoje dedica a maior fatia do seu tempo aos centros de Medicina Laboratorial. Germano de Sousa, já considerados uma referência nacional a nível da inovação, qualidade e rigor, mas é um homem atento à realidade que o rodeia e, apesar de tudo, com uma visão otimista sobre o futuro: “a Saúde em Portugal está bem e recomenda-se. Foram, ao longo do tempo, criadas condições para que os indicadores da saúde dos portugueses fossem idênticos à média europeia, sendo mesmo superiores em alguns aspetos”. Mas a crítica aberta vem logo de seguida, quando afirma que assim funcionassem tão bem a Justiça, a Educação e a Economia. Quanto ao Serviço Nacional de Saúde, do qual se assume um defensor indiscutível, as suas palavras também

não deixam margem para dúvida: “O Serviço Nacional de Saúde (SNS) tem sido o grande obreiro da qualidade da saúde. Defendo um país solidário em que os que mais podem pagam, através dos impostos, por eles e pelos que não podem ou podem pouco. E que uns e outros tenham idêntico acesso a cuidados de saúde. Sem discriminações para ninguém. Garantir e proteger a essência do SNS como símbolo de coesão e solidariedade nacionais torna-se fundamental, em especial nestes difíceis tempos que Portugal atravessa.” Não distingue a prática da medicina privada da pública, embora reconheça que os hospitais privados têm na realidade outras condições, como a rapidez e a qualidade de atendimento que os hospitais públicos não têm. E, neste sentido, reconhece que a tendência é para que, cada vez mais, os portugueses tendam a usar o sistema privado de saúde, onde as seguradoras terão um papel determinante: “apesar da crise e talvez mesmo por causa dela, com os cortes que fez na saúde, fará com que os portugueses que economicamente o possam fazer e que até agora não

têm seguro de saúde procurem essa segurança. O doente que tem um seguro tem mais autonomia de escolha: sabe onde vai e vai onde quer ir. As seguradoras podem ter um papel decisivo, adaptando-se inteligentemente à crise”.

Outra polémica a que não foge prende-se com a alegada falta de médicos no país. Para o ex-bastonário, as faculdades de Medicina existentes são mais do que suficientes para as necessidades futuras, pelo que considera a abertura recente de duas novas faculdades “uma aberração que contraria tudo o que os melhores peritos de educação médica aconselham”. Para Germano de Sousa, o problema coloca-se, sim, na errada distribuição dos médicos por especialidade e pelo território, problema cuja solução chegou a propor à então ministra da Saúde, Manuela Arcanjo, mas que, apesar de plasmada na lei, não teve seguimento na prática pelos titulares da pasta que lhe seguiram.

Quanto ao futuro, o projeto que abarcou com os seus dois filhos, o Grupo Germano de Sousa, é o que o move e cuja essência descreve em poucas palavras: “a nossa única obrigação é para com o doente”.